

A educação como um complexo ideológico em Lukács

Education as ideological complex in Lukács

La educación como complejo ideológico en Lukács

Sheila Nunes Pereira¹
Neusa Maria Dal Ri²

Resumo

O objetivo deste artigo é identificar o vínculo entre educação e ideologia na obra *Para uma ontologia do ser social* de Georges Lukács (2018), com o intuito de demonstrar que a educação é um complexo essencialmente ideológico. A pesquisa é de natureza teórica, tendo como fundamentos metodológicos os pressupostos ontológicos lukácsianos. Para cumprir com o objetivo proposto, na primeira seção identificamos a essência e a função da educação. Na sequência, apreendemos os aspectos determinantes da ideologia. Por último, analisamos como as determinações da ideologia se vinculam ao complexo da educação na obra do autor. Como resultado desta pesquisa introdutória, observamos que a essência da educação é ser uma mediação entre indivíduo e gênero na apropriação e transmissão do patrimônio histórico-genérico humano. E como função social influenciar os indivíduos frente às novas alternativas para reagirem de modo socialmente desejado. Essas duas determinações da educação confluem tanto para o sentido amplo de ideologia, que é tornar a práxis consciente e operativa, como para o sentido estrito, ser meio para combater conflitos sociais.

Palavras-chave: Ser social; Educação; Ideologia.

Abstract

The objective of this article is to identify the link between education and ideology in the work *For an ontology of social being* by Georges Lukács (2018), with the aim of demonstrating that education is an essentially ideological complex. The research is theoretical in nature, having lukácsian ontological assumptions as its methodological foundations. To fulfill the proposed objective, in the first section we identify the essence and function of education. Next, we learn the determining aspects of ideology. Finally, we analyze how the determinations of ideology linked to the education complex in the author's work. As a result introductory research, we observed that the essence of education is to be a mediation between individual and gender in the appropriation and transmission of human historical-generic heritage. It is a social function to influence individuals in the face of new alternatives to react in a social function to influence.

Keywords: Social being; Education; Ideology.

¹ UNESP, Marília/SP, Brasil. E-mail: sheila.pereira@unesp.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7851-1212>

² UNESP, Marília/SP, Brasil. E-mail: neusamdr@terra.com.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3000-2280>

Resumen

El objetivo de este artículo es identificar el vínculo entre educación e ideología en la obra *Por una ontología del ser social* de Georges Lukács (2018), con el objetivo de demostrar que la educación es un complejo esencialmente ideológico. La investigación es de naturaleza teórica y tiene como fundamento metodológico los supuestos ontológicos lukácsianos. Para cumplir con el objetivo propuesto, en el primer apartado identificamos la esencia y función de la educación. A continuación, aprovechamos los aspectos determinantes de la ideología. Finalmente, analizamos cómo las determinaciones de la ideología se vinculan al complejo educativo en la obra del autor. Como resultado de esta investigación introductoria, observamos que la esencia de la educación es ser una mediación entre individuo y género en la apropiación y transmisión del patrimonio histórico-genérico humano. Es una función social influir en los individuos ante nuevas alternativas para reaccionar de una manera socialmente deseada. Estas dos determinaciones de la educación convergen tanto en el sentido amplio de ideología, que consiste en hacer que la praxis sea consciente y operativa, como en sentido estricto, como medio para combatir los conflictos sociales

Palabras clave: Ser social; Educación; Ideología.

Introdução

O debate sobre educação e ideologia na perspectiva gnosiológica não parece ser novidade, porque predomina na ciência moderna a concepção de que a centralidade do conhecimento deve estar no sujeito. Em outros termos, a perspectiva gnosiológica é uma concepção, segundo Tonet (2013), em que o sujeito é o centro condutor do conhecimento, pois é ele quem extrai, classifica, organiza, relaciona os dados e, por isso, define a natureza do objeto. Esta perspectiva evidencia “[...] não só o caráter ativo do sujeito no processo de conhecimento, mas especialmente, o fato de que é ele que constrói (teoricamente) o objeto” (TONET, 2013, p. 13). Deste modo, essa concepção não elucida que o problema do conhecimento também pode ser tratado sob outro enfoque, como o ontológico, cuja centralidade é o próprio objeto, pois a concepção ontológica não se restringe aos elementos empíricos, mas, sobretudo, às determinações constitutivas de sua essência.

Neste sentido, a concepção que aborda o problema da educação e ideologia na perspectiva gnosiológica tem como ponto de partida a teoria do conhecimento e possui como pressuposto a contradição entre ciência e ideologia, pois compreende ideologia como falsa consciência. Entretanto, ideologia na perspectiva ontológica não é sinônimo de falsa consciência. Não se trata, portanto, de uma falsa consciência do mundo que pode ser

substituída mediante uma nova consciência verdadeira do mundo. Isto significa que o ser social não pode ser transformado mediante um processo de conscientização somente pela simples substituição de uma concepção errada por uma correta. As ideologias podem ser falsas ou verdadeiras, assim a concepção gnosiológica ao identificar ideologia com a falsa consciência, não se torna adequada para compreendê-las. Ademais, a tese que separa ciência e ideologia incide em falácia ao propor a neutralidade da ciência.

Em razão disso, elegemos a perspectiva ontológica de Lukács para compreender como o complexo da educação se relaciona com as determinações mais gerais da ideologia. Nesta perspectiva, o trabalho é categoria central, porque é fundante do ser social. Ele medeia a relação entre sujeito e objeto, porque nele a subjetividade, a prévia ideação, se transforma em objetividade, em realidade. Assim, o ser humano modifica não só a natureza externa, mas a sua própria natureza.

Para compreender as determinações da totalidade social e de suas partes constituintes, bem como os vínculos que estas partes estabelecem entre si e com a totalidade, partimos da perspectiva ontológica. A busca pela identificação do vínculo entre educação e ideologia na obra lukácsiana intitulada *Para uma ontologia do ser social* passa, em primeiro lugar, pelo percurso do pressuposto ontológico do trabalho. O problema do vínculo entre educação e ideologia em Lukács pode ser apreendido a partir de suas relações internas reciprocamente e com a totalidade social. Isto significa que este vínculo ontológico é identificado como o problema do ser com consequências no conhecimento. A partir desse entendimento podemos apreender os limites e possibilidades da educação na sociabilidade do capital, caso a consideremos como um complexo essencialmente ideológico.

Em razão disso, nos limites deste artigo, procuramos avançar alguns passos na compreensão do vínculo entre educação e ideologia com o objetivo de verificar se a educação é um complexo essencialmente ideológico. Neste sentido, como objetivo geral, buscamos identificar o vínculo entre educação e ideologia na obra *Por uma ontologia do ser social*, mediante os pressupostos ontológicos de Lukács. Com essa finalidade, na primeira seção, identificamos a essência e a função da educação. Na sequência, na segunda seção, apreendemos os aspectos determinantes da ideologia. Por último, na terceira seção, analisamos como as determinações da ideologia se vinculam ao complexo da educação.

Embora Lukács não tenha feito uma análise específica do complexo da educação, compreendemos ser a concepção ontológica imprescindível para analisar qualquer fenômeno

social na sociedade capitalista, pois é uma perspectiva cuja finalidade busca apreender as determinações gerais e particulares do ser social, assim como os nexos que as conectam, tanto a totalidade, quanto suas partes constituintes, caso da educação. De modo evidente, esse esforço é em sentido introdutório, em função da complexidade da obra e da própria realidade social. Por isso, a investigação dessa relação encontra-se nos limites propostos do vínculo de algumas determinações dos complexos educação e ideologia.

O texto é de natureza teórica tendo, portanto, como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, com levantamento, seleção, leitura, documentação e análise dos dados coletados. Encontramos poucos autores e comentadores que se debruçaram sobre a temática delimitada para este texto. Ao invés de encarar esse fato como obstáculo, encaramos como oportunidade para apresentar nossas próprias reflexões.

Essência e função do complexo da educação

A educação é compreendida como um complexo, pois “[...] todo patamar de ser, no todo bem como nos detalhes, tem um caráter de complexo [...]” (LUKÁCS, 2018, p.7). Para analisar a essência e função da educação partimos do pressuposto do trabalho tomado como ato ontológico primário do ser social. Porque caso “[...] se deseja expor as categorias específicas do ser social, seu brotar a partir das suas formas de ser precedentes, sua combinabilidade com elas, sua fundabilidade nelas” devemos ter como ponto de partida a investigação do trabalho (LUKÁCS, 2018, p.7). Contudo, devem ser apreendidas como partes que se relacionam com a totalidade social.

A história do ser social é constituída na relação entre o ser humano e a natureza. Entretanto, a história dos seres humanos não se reduz ao desenvolvimento biológico, mas se desenvolve nas relações sociais, sendo o trabalho o fundamento principal para a compreensão dessas relações, a atividade vital humana articula subjetividade e objetividade na constituição dialética do ser social. A história da humanidade é regida por leis próprias e distintas daquelas que regem o mundo natural, já que este é regido pela causalidade, por princípios próprios de movimento e independentes da consciência humana, muito embora possa ter a intervenção dos seres humanos. Aquela é fundada pelo complexo do trabalho caracterizado por determinações específicas, como a teleologia.

O caráter teleológico do trabalho é uma especificidade do trabalho humano. Esse caráter é iniciado pela constituição de um *télos* (finalidade), isto é, por uma prévia-ideação na mente do indivíduo da forma a ser consolidada no objeto pela atividade, presumindo algum conhecimento da causalidade dos objetos naturais independentes do indivíduo submetido a elas para efetivar seu pensamento em realidade. Assim, surge a relação sujeito e objeto, em virtude do trabalho ser um processo cuja prévia-ideação (subjetividade) se transforma em realidade (objetividade). Nessa relação, embora a subjetividade pressuponha a objetividade a ser transformada, essa não determina absolutamente a ação daquela, pois a objetividade possui uma dimensão de possíveis transformações, na qual a subjetividade escolhe entre as alternativas postas pela objetividade. Neste sentido, o trabalho como mediação necessária entre o ser humano e a natureza funda o ser social.

[...] o trabalho possui, para a especificidade do ser social, um fundamental significado fundante e que a tudo determina. Todo fenômeno social, por isso, pressupõe, direta ou mediadamente, eventualmente muito amplamente mediado, o trabalho com todas as suas consequências ontológicas (LUKÁCS, 2018, p. 117).

Por articular o mundo dos seres humanos e a natureza, o trabalho é a matriz das objetivações pelas quais o ser humano se destaca do ser orgânico, isto é, torna-se humano, e instaura o ser social com níveis de socialização crescentes. Esse processo acontece porque o trabalho sempre produz o novo.

No processo de trabalho, o ser humano produz objetivações e exteriorizações as quais alteram tanto a materialidade natural, como o próprio ser que as produz. Com isso, surgem novas situações na dimensão objetiva do ser social e na subjetiva do ser humano. Objetivamente, ao ser social um novo objeto é inserido oferecendo novas possibilidades e até desconhecidas pelos seus produtores, como resultado de influenciar e ser influenciado pela totalidade do ser social, pois em cada objetivação existe uma tendência de generalização dos resultados obtidos. E, subjetivamente, a consciência dos seres humanos movimenta-se com novas habilidades e conhecimentos, conduzindo-os a generalizar novas capacidades. Assim, o “[...] trabalho — já como ato do ser humano singular — é social segundo sua essência, no ser humano que trabalha consoma-se sua autogeneralização social, a elevação objetiva do ser humano particular em generidade” (LUKÁCS, 2018, p. 161).

Essa orientação à generalização presente no trabalho conduz ao surgimento de tendências genéricas com legalidades próprias e desloca o ser social de sua condição primária. “[...] como tendências legais que brotam da essência da coisa têm de se impor sob as mais diferentes condições, tanto objetivas quanto subjetivas, da reprodução no interior do ser social” (LUKÁCS, 2018, p. 126). Atos individuais, teleologicamente orientados, inserem nas relações sociais o conteúdo de cada individualidade e de cada formação social os quais necessariamente se generalizam em complexos mediadores mais sociabilizados.

Nesse processo, contudo, existe uma distinção entre a tendência genérica e o ato individual, enquanto esse tem sua origem em um pôr teleológico, aquela não possui teleologia. É por essa razão que a síntese dos atos singulares em tendências históricas do gênero se desenvolve independente da consciência dos sujeitos históricos. A presença da teleologia nos atos individuais possibilita aos indivíduos darem respostas prático-conscientes às suas necessidades e às demais demandas do seu ambiente social. O ser humano responde ao meio para atender às suas necessidades pela função ativa da consciência. A descontinuidade entre indivíduo e gênero encontra-se nela, porque o gênero permanece posto, enquanto os indivíduos produzem constantemente novas necessidades e objetivações.

A reprodução social é um processo unitário composto por duas dimensões, a generidade humana e a individualidade. No ser a reprodução do gênero humano apresenta um conteúdo essencialmente social, apesar de o indivíduo ser regido por leis biológicas. A essência do gênero humano constitui-se pelo conjunto de objetivações individuais produzidas pela atividade vital humana. Nela o desenvolvimento do ser social é mediado necessariamente pelos atos dos indivíduos historicamente determinados. Assim, todo desenvolvimento social tem como premissa a possibilidade de um maior desenvolvimento das individualidades, pois existe um vínculo ontológico e dialético entre o processo reprodutivo dos indivíduos singulares e o processo reprodutivo da totalidade social, e esse vínculo é a consciência. Para se compreender adequadamente o processo de reprodução do ser social

[...] deve-se por um lado partir de que o ser humano, em sua qualidade biológica, em sua reprodução biológica, constitui sua base inexorável; por outro lado, deve-se sempre se dar conta de que a reprodução ocorre em um entorno cuja base de fato é a natureza que, contudo, através do trabalho, através da atividade dos seres humanos, é em medida crescente modificado; assim a sociedade, que tem lugar realmente no processo de reprodução dos seres humanos, igualmente em medida crescente não mais encontra ‘prontas’

na natureza as condições de sua reprodução, mas que o próprio ser humano as cria através de sua práxis social (LUKÁCS, 2018, p. 128).

A consciência é o elemento fundamental para a continuidade do ser social, pois tem como pressuposto a produção contínua do novo, constituindo a distinção entre a reprodução biológica e a reprodução social. A continuidade do ser social possui uma capacidade de possibilidades superiores aos outros seres biológicos, como o âmbito da liberdade e a produção de valores. Não se trata de algo casual, mas de algo possuir materialidade genética, a capacidade da consciência, como médium da continuidade do ser social de agir sobre a própria continuidade produzindo resultados consideráveis dentro das possibilidades históricas do ser.

É claro que um tal movimento continuado tem de encontrar um médium na consciência dos seres humanos, mas é igualmente claro que essa consciência é para ser considerada como componente efetivo do ser social e jamais pode ser adequadamente mensurada com critérios gnosiológicos abstratos. Na moldura do movimento por nós descrito, a consciência também tem uma função ontológica especificamente dinâmica na qual se mostra nitidamente a particularidade do ser social ante toda outra forma de ser: na medida em que a consciência adentra como médium, como portadora e mantenedora da continuidade, esta alcança um ser-para-si não existente de outro modo (LUKÁCS, 2018, p. 164).

Deste modo, a continuidade do ser social tem como substância as posições teleologicamente postas e a consciência como médium necessário. A consciência sempre atuará de modo ativo, seja para alterar ou manter o status quo, atualizando a experiência passada e acumulando novas para responder às imposições do presente e às possibilidades do futuro. A essência do gênero humano é constituída por um conjunto de objetivações produzidas pelos seres humanos no desenvolvimento histórico, que se manifestam em objetos materiais e produções espirituais, das mais simples às mais complexas mediações na diversidade das relações sociais e na heterogeneidade dos indivíduos. A continuidade e o desenvolvimento das determinações do gênero humano exigem uma mediação específica para expressar na subjetividade do indivíduo os níveis históricos do gênero humano. E como consequência da descontinuidade entre indivíduo e gênero na reprodução do ser social, impõe-se uma mediação particular entre individualidade e generidade, a qual em um processo

dialético de transmissão e apropriação realize a reprodução do ser social. Essa mediação é a educação cuja essência influencia os seres humanos a reagirem de maneira socialmente desejada às novas alternativas da vida cotidiana.

[...] a problemática da educação retorna ao seu problema fundante: *sua essência consiste em influenciar os homens para que reajam de modo socialmente intencionado às novas alternativas da vida*. Que esta intenção ininterruptamente se realiza - parcialmente -, que auxilia a preservar a continuidade na transformação do ser social; que ela, de uma longa perspectiva, igualmente - parcialmente - ininterruptamente falhe, é o reflexo psíquico não apenas de que a reprodução se consuma de modo desigual, que, mesmo a educação mais consciente das finalidades, apenas pode preparar insuficientemente para os momentos sempre novos e plenos de contradição, mas também em que nesses novos momentos - de modo desigual e pleno de contradição - alcança expressão em sua reprodução o desenvolvimento ascendente objetivo do ser social (LUKÁCS, 2018, p. 134, grifos do autor).

Enquanto práxis fundada no trabalho, a educação é um complexo essencial para a reprodução do gênero humano, consistindo na mediação entre a individualidade e a generidade. Como mediação necessária da reprodução social é distinta do trabalho, pois enquanto esse é um pôr teleológico primário vinculado ao metabolismo entre o ser humano e a natureza, a educação é um pôr teleológico secundário, cuja posição incide sobre a consciência de outros indivíduos para impeli-los a executar as posições desejadas. As teleologias se identificam abstratamente pelo fato de serem rigorosamente teleologias, tomadas de decisão entre alternativas, contudo, deve-se ressaltar sua distinção básica, pois não constituem posições do mesmo gênero.

[...] o que identifica todas as posições teleológicas é o fato de que em todas se dá uma tomada de decisões entre alternativas. Ao lado dessa identidade, no entanto, coloca-se uma série de diferenças. A primeira e fundamental: o objeto das posições teleológicas secundárias são os próprios homens, as suas ações e seus afetos na práxis social extralaborativa; decorrentemente, a segunda diferença está no grau de incerteza que permeia essas posições, que é muito maior do que aquele que existe no caso do trabalho, o que não impede que haja um conhecimento racional das tendências em presença, mesmo que este conhecimento, de forma mais acabada, só se dê *post festum* (VAISMAN, 2010, p. 49).

O complexo da educação, por ser fundado no trabalho, estabelece com ele uma relação de identidade da identidade e da não-identidade. A identidade se constitui porque o trabalho modela a práxis social, incluindo a educação. A educação e o trabalho caracterizam-se pela objetivação de posições teleológicas e põem em movimento séries causais, isto é, se realizam pela relação entre teleologia e causalidade. A relação de não-identidade se materializa pelo fato de o trabalho encontrar-se no pôr teleológico primário, os quais visam transformar a natureza em valores de uso, enquanto no complexo da educação os pores teleológicos são secundários, com o fim de induzir uma pessoa ou grupo de pessoas a realizar algumas posições teleológicas concretas. A presença da decisão alternativa nas posições teleológicas as identifica e as distingue, porque no trabalho os pores teleológicos primários têm como objeto a natureza, possuem um conhecimento imperfeito, contudo mínimo para efetivar o trabalho; e nos pores teleológicos secundários o objeto são os próprios seres humanos em sua práxis social (LIMA; JIMENEZ, 2011).

Vinculado aos pores teleológicos secundários, o complexo da educação tem como função induzir os pores teleológicos dos seres humanos para determinadas decisões compatíveis com as exigências de cada formação social, mediando o processo de apropriação por parte dos indivíduos da experiência humana acumulada. Em sentido amplo, a educação possui um caráter universal, apresenta-se como complexo indispensável para a manutenção e reprodução de qualquer formação social. Ela tem como função articular o singular ao genérico reproduzindo no indivíduo as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento do gênero humano, possibilitando a continuidade do ser social. Enquanto as relações sociais se fundavam no trabalho coletivo, a educação se dava de modo espontâneo na interação das gerações mais jovens com as mais experientes, e era suficiente para atender as necessidades de reprodução do gênero.

O essencial da educação dos seres humanos consiste, ao contrário, em qualificá-los a reagir adequadamente a eventos e situações novas, inesperadas que ocorrerão mais tarde em suas vidas. Isto significa duas coisas: primeiro, que a educação dos seres humanos — tomada no sentido mais amplo — jamais está inteiramente completa. Sua vida pode, sob circunstâncias, terminar em uma sociedade inteiramente diferente, com demandas inteiramente outras daquelas para as quais sua educação — em sentido estrito — o preparou (LUKÁCS, 2018, p. 133).

Com a complexificação social e a divisão social do trabalho, surge a educação em sentido estrito. Ela nasce para atender interesses particulares, de uma determinada classe, não mais para os interesses universais. Nas sociedades de classe surge a necessidade crescente de regular os atos individuais, exige-se, portanto, uma educação na qual o conjunto de conhecimentos passa a ser transmitido mediante uma práxis mais especializada. Devido ao grau de incerteza dos pores teleológicos secundários, a práxis educativa em sentido estrito não é um mero processo de controle social, pois “[...] todo efeito sobre o ser humano (já sobre a criança) desencadeia nele decisões alternativas, com o que seu efeito pode resultar muito bem oposto à intenção e, inclusive, com muita frequência assim o resulta” (LUKÁCS, 2018, p. 292). Não obstante, a transformação de um complexo universal e espontâneo reproduzido em sentido amplo para uma educação em sentido estrito não elimina a educação em sentido lato, pois as duas formas de educação se relacionam de modo recíproco, de influência mútua (LIMA; JIMENEZ, 2011).

Nas sociedades de classe o caráter essencialmente ideológico da educação se manifesta de forma clara, pois o controle sobre as ideias que orientam as decisões individuais torna-se fundamental para garantir a coesão social. Nas sociedades classistas acontece um processo seletivo das objetivações que devem ser transmitidas e apropriadas pelas classes em contradição. As classes dominantes irão demonstrar maior interesse nessa dimensão da vida social, pois a educação possibilita o controle ideológico que pode garantir a anulação de valores e costumes contrários às relações dominantes (LIMA; JIMENEZ, 2011). A educação pode atuar na consciência social, prevenindo e dirimindo conflitos de classe.

A classe burguesa, com a generalização das relações capitalistas, torna seus interesses particulares como interesses universais do ser social. Essa generalização produz ao mesmo tempo um conjunto de capacidades e possibilidades produtivas e espirituais, e produz o estranhamento do indivíduo. Neste sentido, a possibilidade de um desenvolvimento multilateral do indivíduo é negada pelo domínio do capital em sua sociabilidade, produzindo a possibilidade de uma minoria se desenvolver, ainda que de modo deteriorado, em detrimento da desumanização da maioria dos seres humanos.

A dominância do capital, segundo Mészáros (2008), expresso por um sociometabolismo próprio, se deu pela renúncia das necessidades humanas vinculadas aos valores de uso sobrepostas aos imperativos fetichistas do valor de troca mensurável e sempre expansivo. Ela não se deu pela dominação política, mas pela capacidade de atender às

necessidades da reprodução social de uma sociedade de classes de uma forma muito mais abrangente e expansiva, produzindo o desenvolvimento e o domínio da natureza de uma forma muito mais potencializada, muito além das suas necessidades. A contradição entre as necessidades humanas e as necessidades do capital, orientado à expansão e dirigido pela acumulação, é a determinação central do complexo da educação no sistema do capital, enquanto mediação secundária. A educação deve atender aos interesses primeiros do capital, enquanto mercadoria, contudo, simultaneamente possui posições teleológicas filiadas à emancipação humana.

Aspectos determinantes do complexo da ideologia

Ao analisar o problema da ideologia, Lukács (2018) tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca do papel da ideologia na práxis, afastando-se da concepção gnosiológica. O autor apreende a ideologia de uma forma completamente distinta, afastando-se tanto do materialismo vulgar, como das concepções idealistas. O materialismo vulgar, ao subordinar todas as dimensões do ser social à esfera econômica e às concepções idealistas, desvincula sua compreensão da materialidade social e não apreende as determinações reais do complexo ideologia. Lukács apreende a ideologia segundo o critério ontológico-prático, como figuração da realidade.

Lukács (2018) tem como ponto de partida a dimensão econômica combatendo a concepção dualista que separa a totalidade social em duas esferas, uma esfera estrutural (ou infraestrutura) e a esfera superestrutural³, compreensão que localiza a ideologia somente na esfera superestrutural. Sua proposta consiste em demonstrar uma relação bastante complexa, na qual a ideologia mantém com essa esfera estrutural, isto é, com essa base econômica. Inicia sua análise demonstrando o caráter fundamental que o momento ideal, ou seja, a dimensão teleológica tem no pôr teleológico do trabalho. Busca estabelecer uma síntese da relação entre o momento ideal e o momento real, da relação entre sujeito e objeto que fazem parte de uma complexidade, mas com especificidades.

³ Para Althusser (1992), as ideologias têm existência material e é nessa existência material que devem ser estudadas, e não enquanto ideias. Para Althusser (1992), a reprodução das relações de produção é garantida pela materialidade do processo de produção e do processo de circulação, porém, as relações ideológicas estão imediatamente presentes nesses mesmos processos

Na totalidade do ser social, o momento real e ideal não se identificam, mas se relacionam em uma complexidade. “O desdobramento da esfera econômica, [...] até às formas mais mediadas e complicadas, nas quais e através das quais ocorre a socialização da sociedade perante a si, faz dessa relação do ideal e real sempre mais dinâmica e mais dialética” (LUKÁCS, 2018, p. 301). Com o intuito de refutar as teses que separam o momento ideal do momento real, as quais localizam a dimensão da idealidade (momento ideal, projeções ideológicas) na esfera superestrutural, o autor retoma as categorias trabalho e reprodução para reposicionar a categoria ideologia.

O trabalho, como vimos, inaugura um metabolismo absolutamente diferente, pois não é mais um metabolismo passivo com a natureza, é um metabolismo ativo, um ser que transforma a natureza e ao modificá-la, transforma a si mesmo, metabolismo que coloca o ser humano em relação a si, enquanto indivíduo, e para si enquanto gênero.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 255).

Nesse sentido, o aspecto importante do trabalho está no possuir pôr teleológico, constantemente reproduzido, ser, portanto, o momento ideal. Ele precede o ato propriamente dito, orienta o ato, momento objetivo, predominante. Desde sua concepção ontológica, isso acontece em uma complexidade inseparável. Isso quer dizer que não existem dois atos autônomos, um ato ideal e um ato material que se vinculam e, apesar dessa vinculação, cada um preserva sua essência, mas a possibilidade do ser de cada ato apenas pode ser separado no pensamento.

O essencial é que “[...] não se diferencia em geral a esfera econômica das esferas remanescentes da práxis social [...] um momento ideal sempre tem de constituir o ponto de partida das posições singulares. Neste aspecto, portanto, todo o ser social é ontologicamente construído unitariamente” (LUKÁCS, 2018, p. 322). Na dimensão econômica, o trabalho como substância constitui-se pelo pôr teleológico primário, no qual momento ideal e

momento real constituem uma unidade. O pôr teleológico primário possui uma prioridade ontológica, segundo a qual o pôr teleológico secundário não pode se realizar, não obstante “[...] o processo de reprodução econômica, a partir de um determinado patamar, não pode funcionar sem a formação de campos de atividade não econômicos que ontologicamente possibilitem o desdobramento desse processo” (LUKÁCS, p. 335).

A realidade não se organiza da mesma forma que se organiza no pensamento, não existe possibilidade de separá-los ontologicamente. Na esfera do ser social, um depende do outro, um não existe sem o outro. É nela que o ato do pôr teleológico somente se torna autêntico através de sua realização material, “[...] apenas e através da execução real de sua realização material, sem esta permanece um estado puramente psicológico, uma ideação, um desejo etc, que está, no máximo, em relação de representabilidade com a realidade material” (LUKÁCS, 2018, p. 297). O trabalho exige que o ser humano reconheça as legalidades, causalidades dadas, aquelas que operam por sua própria condição natural, pelo meio ser natural. Ao se apropriar delas, vai organizá-las às atividades do trabalho, tornando-as em causalidades postas no processo de trabalho. Ao refletir para desvendar essas causalidades dadas, o ser humano tem que espelhar na consciência uma concepção de mundo e ao fazê-lo cria um distanciamento que explica a separação entre o sujeito e objeto. Essa separação “[...] é um produto necessário do processo de trabalho e, ao mesmo tempo, a base para o modo de existência especificamente humano”. Ainda, se o sujeito “[...] enquanto destacado na consciência do mundo objetual, não fosse capaz de o observar, de o reproduzir em seu ser-em-si, aquela posição de finalidade que está na base já do trabalho mais primitivo jamais poderia ter lugar” (LUKÁCS, 2018, p. 29).

A separação entre sujeito e objeto se explica na materialidade da vida pelo distanciamento necessário entre o sujeito que pensa o mundo e o mundo que ele transforma. O mundo é seu objeto sob o qual vai incidir o metabolismo do trabalho para o atendimento da produção de valores de uso necessários para atender às necessidades das carências humanas. Assim, a separação entre sujeito e objeto é uma exigência da práxis do trabalho, na qual o distanciamento é produzido pela necessidade do espelhamento. É no espelhamento que ocorre a possibilidade de erro, engano, por isso envolve a possibilidade do aprendizado, aperfeiçoamento do gênero humano. O espelhamento é momento chave para a compreensão da ideologia, pois é nele que se cria um espaço para representação ideal do mundo.

A orientação ideal, o papel de prévia ideação é fornecido pela ideologia que na perspectiva ontológica tem como função a orientação de práticas não econômicas, cuja ação incide sobre os indivíduos da esfera econômica mudando ou conservando comportamentos. A ideologia vai operar o momento ideal que antecede o desencadeamento da ação justamente nos pores teleológicos secundários; e como pôr teleológico que vai mobilizar outros pôres teleológicos, outras consciências.

Lukács (2018) afasta-se da concepção de ideologia como falsa consciência, ou de uma compreensão limitada da realidade, pois a natureza específica da ideologia não pode ser apreendida pela perspectiva gnosiológica, esta é insuficiente para determiná-la.

[...] primeiro, há muitas realizações da falsa consciência que jamais se tornaram ideologias; segundo, o-tornar-se-ideologia não é, necessariamente, de modo algum, idêntico à falsa consciência. O que é realmente ideologia apenas deixa-se compreender a partir de sua operatividade social, a partir de suas funções sociais (LUKÁCS, 2018, p. 412-413).

Em suma, a ideologia é definida como figuração da realidade que assume a função social de instrumento teórico-prático de conscientização e operação da práxis social, independente de ser verdadeira ou falsa, revolucionária ou reacionária.

Nesse sentido, a ideologia surge como meio de orientação para a ação humana, pois ela tem origem na necessidade dos seres humanos, em suas distintas formações sociais, de organizarem sua atividade social de acordo com suas necessidades de reprodução social. Para Lukács, a ideologia é uma qualidade imanente do ser social, pois em qualquer formação social existirão perguntas e respostas, que são inseparáveis. “Assim surgem a necessidade e a universalidade de concepções para lidar com os conflitos do ser social” (LUKÁCS, 2018, p. 398). Deste modo, toda ideologia tem o *seu ser-precisamente-assim*, uma vez que ela surge imediata e necessariamente do *hic et nunc* social dos seres humanos, que agem socialmente na sociedade. Essa determinação “[...] tem por consequência necessária que toda reação dos seres humanos a seu mundo ambiente sócio-histórico pode se tornar, sob determinadas circunstâncias, ideologia” (LUKÁCS, 2018, p. 398).

Na concepção ontológica, a ideologia, em sentido amplo, é produto espiritual por meio do qual os homens se conscientizam da problemática do real e operacionalizam a práxis social. Esse aspecto amplo da ideologia tem um caráter universal e pode ser encontrado em

qualquer formação social. Entretanto, o sentido amplo de ideologia é insuficiente para compreender a ideologia nas sociedades de classe. Assim, Lukács (2018, p. 404) elabora uma concepção mais restrita de ideologia “[...] em que os seres humanos, com a ajuda das ideologias, se fazem conscientes e dirimem seus conflitos sociais, cujas bases últimas são buscadas no desenvolvimento econômico”. Em um sentido mais restrito, ideologias são produto espiritual que torna conscientes e operacionais as contradições entre as classes antagônicas. É veículo de conscientização e de luta social nas sociedades cindidas em classes.

A educação como um complexo ideológico

O complexo do ser social funda-se no trabalho, e todos os outros complexos próprios desse ser já constituído mantêm com o trabalho uma relação de dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca. A relação de dependência tem origem na qualidade ontológica do trabalho, como o ponto de partida genético que movimenta os seres humanos em seu desenvolvimento histórico para a liberdade, por esse motivo o trabalho possui prioridade ontológica em relação aos demais complexos sociais. Com o processo de complexificação social, os estes ganham certa autonomia, como resultado das funções específicas, que cada complexo realiza na totalidade social. Contudo, a autonomia é sempre relativa, porque os estes complexos constituídos pelo trabalho mantêm com ele uma relação de dependência ontológica. A relação de determinação recíproca dos complexos compostos pelo ser social funda-se no pressuposto marxiano de que “a base econômica permanece sempre como o momento preponderante [...]”. Contudo, esta não extingue a autonomia relativa dos complexos ideológicos, os quais se manifestam de modo absoluto na “[...] dialética de mútua reciprocidade determinativa existente entre estas e a esfera da economia” (VAISMAN, 2009, p. 449). Disto pode-se inferir a relação de dependência ontológica, autonomia relativa e determinação recíproca que a educação mantêm com o complexo do trabalho.

A teleologia presente no trabalho possibilita o ser humano oferecer respostas prático-conscientes às suas necessidades e às demais demandas do seu ambiente social. A função ativa da consciência materializa o ser humano como um ser que dá respostas continuamente a novas necessidades e condições sociais. Nela reside a descontinuidade entre gênero e

indivíduo. O gênero está sempre posto, contudo, é o indivíduo que enfrenta novas situações e produz novas objetivações e, conseqüentemente, novas necessidades.

Nesse processo existe a possibilidade de objetivações que não se adequam aos padrões exigidos pela sociedade e de comportamentos desviantes e podem perturbar a continuidade social. No intuito de amenizar essas perturbações constitui-se desde as primeiras comunidades uma generalização das normas do agir humano, tais como, valores, conhecimentos, habilidades, concepções de mundo cujo objetivo é estruturar o horizonte social, onde escolhas e decisões individuais sejam aceitáveis e não coloquem em risco a sobrevivência e o desenvolvimento da comunidade.

É da necessidade social generalizar normas para o agir humano, a qual o complexo da educação se conecta com a totalidade social. Nesse sentido, o complexo da educação está intrinsecamente ligado ao processo de reprodução social. A educação tem como essência a continuidade do ser social operando como uma mediação entre indivíduo e gênero, pois é por meio dela que o patrimônio humano-genérico é acumulado, transmitido e apropriado, conforme as possibilidades e necessidades sociais.

A educação se manifesta com o desenvolvimento histórico das necessidades da reprodução social, desde as primeiras comunidades até a sociedade moderna. À medida que o ser social se complexifica, se afasta de suas barreiras naturais, torna as mediações entre indivíduo e gênero mais complexas, surgem outros complexos distintos do trabalho. Assim como a educação, condição para o processo de humanização do ser humano, tanto na esfera individual como na esfera genérica do ser social, pois os indivíduos ao se apropriarem das objetivações genéricas tornam-se capazes de intervir na sociedade, simultaneamente ao desenvolvimento do gênero humano, o qual supõe mais objetivações dos indivíduos que reproduzem e enriquecem o gênero com novas objetivações.

O complexo da educação e o da ideologia se identificam por suas posições teleológicas secundárias, voltadas a influenciar o comportamento de outros indivíduos, objetivando a realização de determinadas posições teleológicas. Nelas a teleologia se orienta para outro indivíduo, o qual não é indiferente ao processo. Deste modo, o efeito sobre a consciência do indivíduo pode não coincidir com a intenção original, porque na objetivação de posições teleológicas secundárias, a alternativa do indivíduo sobre o qual incidiu a teleologia posta pode ser diferente da sua finalidade, isto é, o coeficiente de incerteza é maior.

As funções assumidas pela educação e pela ideologia as vinculam à reprodução do ser social. A educação, complexo universal, faz a mediação entre a individuação e a genericidade, e tem como função influenciar seres humanos para reagirem às novas alternativas de modo socialmente desejado, contribuindo com a continuidade social. A ideologia, como momento ideal do agir humano, tem como função ser um veículo de conscientização e prévia-ideação da ação humana, essencial para tornar a práxis social consciente e operativa favorecendo a continuidade social.

[...] a educação, ainda que seja tão primitiva, ainda que tão rigidamente atada à tradição, pressupõe um comportamento do singular no qual poderiam estar presentes as primeiras tentativas de formação de uma ideologia, pois com isso, de modo necessário, prescrevem-se ao ser humano singular normas socialmente gerais para seu comportamento futuro, são inculcados exemplos positivos e negativos de tais comportamentos (LUKÁCS, 2018, p. 407).

É possível apreender o caráter ideológico do complexo da educação por meio de suas determinações mais gerais, primeiro de sua natureza, que é evidenciar na subjetividade dos indivíduos o patrimônio histórico-genérico humano (conjunto das objetivações individuais), com objetivo de prepará-los a responder de modo adequado a eventos e situações novas, inesperadas, que ocorrerão em suas vidas. Segundo, pela sua função de influenciar os seres humanos frente às novas alternativas para reagirem de modo socialmente desejado. As duas determinações da educação possuem um caráter ideológico, pois tanto tornam consciente e operativa a práxis humana, como são meios para combater conflitos sociais.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi identificar o vínculo entre educação e ideologia na obra *Para uma ontologia do ser social* de Georges Lukács (2018), com o intuito de verificar se a educação é um complexo essencialmente ideológico. Parece ser uma hipótese óbvia para quem estuda Lukács, mas para a realidade social, ainda é um problema. Não são poucas as concepções no campo das humanidades que defendem a possibilidade de transformação social pela educação, imaginando que substituir uma forma falsa de ideologia por uma verdadeira pode alterar a realidade social. Ainda, algumas concepções defendem a separação entre ciência e ideologia, já que o verdadeiro conhecimento está na ciência. Essas concepções levam à defesa da neutralidade científica.

Neste sentido, escolhemos o referencial teórico lukacsiano por se tratar de um referencial marxista, que busca desmistificar as contradições da realidade social conectando indivíduo e gênero, sujeito e objeto, essência e aparência, estrutura e superestrutura. Embora o percurso tenha sido complexo, acreditamos que foi possível uma análise preliminar do vínculo entre a educação e a ideologia no pensamento lukácsiano. Dessa forma, procuramos identificar a essência e a função do complexo educação, analisar os aspectos determinantes da ideologia e, por último, analisar se as determinações da educação possuem um caráter essencialmente ideológico.

Como advertiu Lukács (2018), para compreender qualquer complexo é necessário partir do trabalho. Vimos, assim, que o trabalho envolve pôr teleológico, espelhamento, causalidade dada, causalidade posta, distanciamento, possibilidade de erro e aprendizado. Isso retroage sobre o ser humano que trabalha e possibilita o afastamento da barreira natural, da humanização do ser humano e, de forma articulada, coloca a possibilidade de liberdade. Como protoforma do agir humano, o trabalho é o modelo de toda a práxis humana. Enquanto complexo fundante e momento predominante do ser social é a determinação impulsionadora da humanidade a produzir o novo, criando relações sociais cada vez mais complexas.

A teleologia, como momento de prévia-ideação do trabalho, opera na causalidade dada pela natureza e posta como uma objetivação de modo consciente. A gênese da totalidade social advém dessa relação que só o trabalho produz como síntese imprescindível entre teleologia e causalidade. Segundo Lukács (2018), a realização dos pores teleológicos exige o conhecimento das causalidades dadas com a finalidade de fazer escolhas entre alternativas, o fracasso ou sucesso do pôr de finalidades depende essencialmente da capacidade de transformar uma causalidade dada em causalidade posta pelos indivíduos.

A reprodução do ser social tem como elemento ineliminável as posições teleologicamente postas e tem como médium a consciência, e como pressuposto a transmissão e apropriação por parte dos indivíduos singulares das objetivações genéricas, essenciais em seu desenvolvimento e manutenção. O processo de acumulação de objetivações e mediações tem na consciência seu órgão principal, pois essa constitui o meio pelo qual os indivíduos elaboram suas decisões alternativas frente às exigências da realidade, garantindo o processo de humanização.

Nesta perspectiva, para os indivíduos responderem de forma socialmente desejada é necessário apropriarem-se de uma quantidade mínima das objetivações acumuladas pela

humanidade. Para isso é indispensável interagir com elas por meio de um processo mediado por outros indivíduos cuja função é realizar a transmissão desse conteúdo. Esse processo de apropriação e transmissão da experiência humana acumulada, cuja finalidade é a continuidade e o desenvolvimento das determinações do gênero humano, exige uma mediação particular. Essa mediação, intrínseca da reprodução social, é a educação.

Portanto, o complexo da educação tem como essência ser uma mediação responsável pela reprodução social. É mediação particular entre generidade e individualidade, que evidencia na subjetividade dos indivíduos, por intermédio de uma relação dialética de apropriação e transmissão, o patrimônio histórico do gênero humano, com o objetivo de prepará-los a reagir de modo socialmente desejado a eventos e situações novas em suas vidas.

Para Lukács (2018), os elementos vinculados ao complexo chamado ser social só podem ser compreendidos na sua verdadeira essência se relacionados com a análise ontológica por meio do conhecimento das suas reais funções, ou seja, que eles exercem nesse complexo. Neste sentido, a essência da educação é ser uma mediação entre indivíduo e gênero na apropriação e transmissão do patrimônio histórico-genérico humano, com objetivo de preparar indivíduos a responder de modo adequado a eventos e situações novas, inesperadas que ocorrerão em suas vidas. A educação tem como função social influenciar esses indivíduos frente às novas alternativas para reagirem de modo socialmente desejado. Essas duas determinações da educação confluem tanto para o sentido amplo de ideologia, que é tornar consciente e operativa a práxis humana, como para o sentido estrito, ser meio para combater conflitos sociais.

A análise lukácsiana sobre os complexos do trabalho, da reprodução e da ideologia seguramente apresenta outros elementos importantes para análise da educação. Não obstante, nos limites desta análise e considerando o objetivo proposto neste artigo, examinamos apenas as qualidades consideradas determinantes de cada complexo, com a intenção de explicar a educação como um complexo ideológico.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

LIMA, M. F.; JIMENEZ, S. V. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n. 02, p. 73-94, ago. 2011.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. v. 14.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VAISMAN, Ester. Marx e Lukács e o problema da individualidade: algumas aproximações. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 441-459, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. **Verinotio**, ano VI, n. 12, p. 40-64, 2010. Disponível em: http://www.verinotio.org/conteudo/0.49365_995032122.pdf. Acesso em: 09 jul. 2023.

Recebido: dezembro/2023.

Publicado: março/2024.